

Em Sete de Setembro, exerça o seu poder

» OTÁVIO RÉGO BARROS

General da Reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

“É um impossível físico e moral Portugal governar o Brasil, ou o Brasil ser governado por Portugal. Não sou rebelde (...) são as circunstâncias.”

(Trecho de carta de Dom Pedro, príncipe regente do Brasil, ao pai, Dom João VI, rei de Portugal, em 26 de julho de 1822)

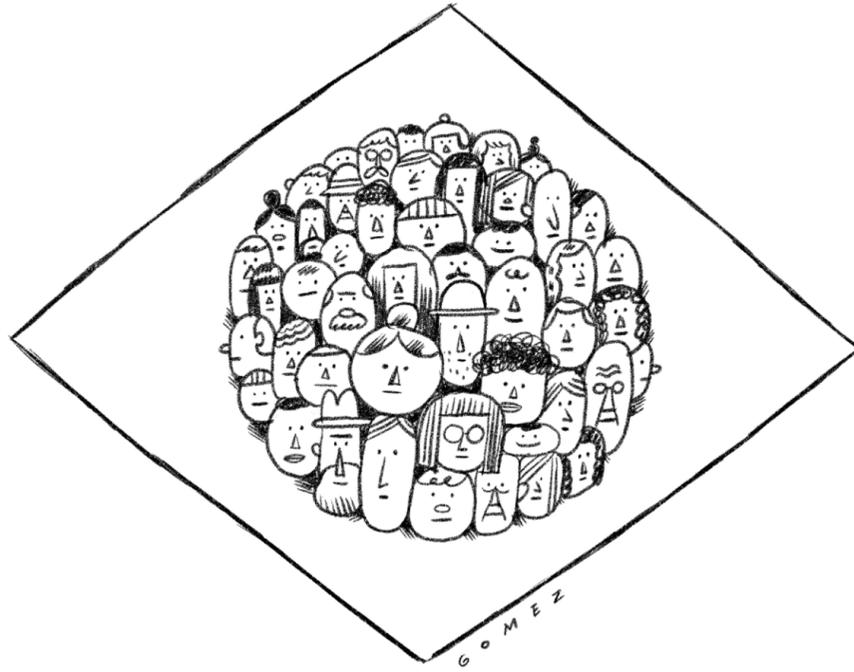
Os primeiros sinais apareceram no meio da tarde. As botelhas e as rabos-de-asno batiam no costado das caravelas. Marinheiros experimentados sabiam o seu significado. Estavam prestes a encontrar terra firme. Três séculos após Pedro Álvares Cabral deparar-se com aquelas algas marinhas que flutuavam próximas do litoral das terras que viriam a se chamar Brasil, alcançávamos a situação de país livre da metrópole opressora pelas mãos de Pedro de Alcântara [...] de Bragança e Bourbon.

As condições sociais, geográficas, econômicas e políticas, sob as quais se subordinava a colônia, previam desafios de peso para a consolidação do “Independência ou Morte”. Houve caminhos tomados por engano. Trilhas que exigiram humildade para retorno. Todavia, chegamos nesta semana na condição de celebrarmos os nossos 200 anos de Independência. Somos um país respeitado mundo afora, liderança regional acolhida, com potencial para deletarmos o doloroso epíteto de país sempre do futuro, e nunca do presente.

O professor Laurentino Gomes, em sua obra 1822 (Editora Nova Fronteira, 2010) iluminou aspectos essenciais para compreendermos os obstáculos que nasciam com o denodo de Dom Pedro. Nos albores do século 19, o Brasil já se descortinava desde a Floresta Amazônica até as planícies do pampa. Suas fronteiras terrestres, perfazendo 17 mil quilômetros, eram praticamente as mesmas de hoje.

O imenso litoral, com quase 10 mil quilômetros de extensão, era 30 vezes a distância entre Paris e Londres, as duas mais importantes capitais europeias à época. Com mais de 8 milhões de quilômetros quadrados, tinha o dobro do território europeu, escoimando-se a Rússia de Alexandre I, sendo maior do que a área continental dos Estados Unidos. Dentro dele, a metrópole portuguesa caberia 93 vezes.

Hoje, com essa amplitude geográfica, riquezas minerais e vegetais ainda incalculáveis, população de mais de 200 milhões de habitantes, as condições que se apresentam nos permitem acreditar que na próxima passagem do cometa Haley, prevista para 2061, finalmente estaremos no fechado círculo dos países “desenvolvidos”.



Desculpe-me a troça, mas ela expõe a conjuntura na qual estamos inseridos como nação. Falta-nos projeto, falta-nos ação. Falta-nos lideranças comprometidas como José Bonifácio, estadista que deu sustentação e alinhou o país no momento da Independência. Lideranças dispostas a assinar um pacto pela união entre opostos.

O Sete de Setembro é um dia de exaltação ao patriotismo, à nacionalidade, à grandeza do Brasil. De cantar o Hino Nacional, o Hino da Independência, de hastear a Bandeira Nacional. Como apoteose, dia em que as tropas das Forças Armadas, dos órgãos de segurança pública e das escolas desfilam garbosos em homenagem ao povo verde e amarelo.

Nos últimos anos, tem-se a sensação, quase uma certeza, de que a efeméride foi sequestrada para interesses políticos, dividindo-nos como irmãos e impedindo-nos de comemorarmos juntos a festa nacional. Levantem-se contra esse desatino. Saiam às ruas, qualquer que seja a sua tribo, com o objetivo de renderem homenagem unicamente ao país. Não se deixem furtar por corsários transvestidos

de autoridades, do sentimento maior que nos une a partir das margens do riacho Ipiranga.

“Cum potestas in populo auctoritas in senatu sit”, (Cícero, De Legibus) que significa: enquanto o poder reside no povo, a autoridade reside no Senado. A autoridade não tem poder. Assim era na Roma antiga. O poder pertence ao povo. Assim deve ser na Roma moderna. O poder continua pertencendo ao povo. Portanto, no raiar do dia Sete de Setembro próximo, exerça seu poder. Desperte como se estivesse às margens daquele diminuto curso de água em 1822. Não aceite a desistência cívica por comodidade psicomotora.

Vista-se de verde e amarelo, independentemente de sua postura ideológica. Preencha os espaços públicos. Enrole-se na bandeira do Brasil, símbolo maior da nação que construímos. Ela pertence a todos. Comemore efusivamente os 200 anos de soberania de nosso país com alegria não raivosa. Como afirmou Hannah Arendt, somente quando o quero e o posso coincidem, a liberdade se consoma. Nós podemos e nós queremos. Nós somos livres. O Brasil é livre.

Paz e bem!

Terceira via e desenvolvimento econômico

» SÉRGIO COURI

Embaixador, economista, advogado e escritor

Inquieta-me a expressão terceira via, usada na Inglaterra a partir de Giddens, ou a terceira posição, de Perón, na Argentina. Terceira via requer primeira e segunda, ao passo que o liberalismo e o socialismo são falsas dicotomias entre si. Nessa linha, só existe uma única via, a ser aperfeiçoada. Da mesma forma, desconforta-me a denominação centro, por inautêntica. Alberga fisiologismos, permitindo a atores sociais e políticos defenderem-se de inconsistência e indefinição ideológicas e das práticas compatíveis. Fala-se demasiado de um centro indefinido.

O centro não está construído. É zona inexplorada. A maioria dos atores foge a identificar-se com esquerda ou direita, para melhor resultado eleitoral. Também se diz de centro-esquerda, quando se tem base eleitoral mais próxima ao salário mínimo, ou de centro-direita, quando mais próxima às classes médias.

Centro não existe aprioristicamente. Precisa ser construído. Por isso costuma ser associado a um ficar em cima do muro. Parafrazeando Clausewitz, acaba sendo o adiamento da guerra por outros meios. Por isso, é tema por demais abrangente para ser deixado apenas aos agentes políticos. Deve ser também tratado pelos pensadores e cientistas sociais, como engenharia social, que não prescindem de arquitetura. Não pode haver centro sem consistente ideário e programática de centro.

Centro, ou terceira via, é contínua elaboração, porque o liberalismo puro ou histórico, herança dos séculos 17 e 18, nem sempre contribuiu à realização da liberdade. Quando o liberalismo existiu sem limites e controle, operou a favor dos mais fortes, e disso surgiram o capitalismo selvagem e os regimes autoritários, pois, para manter o liberalismo econômico, em certos momentos a ideologia liberal canibaliza suas faces política e civil, que têm de renascer das próprias cinzas.

De modo análogo, o socialismo puro, marxista ou utópico, nem sempre contribuiu para o avanço da igualdade — e muito menos da liberdade, porque não foi feito para tanto. Por seu lado, algumas terceiras vias ao longo da história, confrontadas por um de dois polos, enveredaram pelo nacionalismo extremo e pelo autoritarismo.

Autoproclamavam-se terceiras vias, mas cometeram o erro de pretender que o Estado fosse o juiz do conflito social, o que produziu resultados perversos, porque o Estado é instrumento do poder; logo, não é juiz imparcial, não é o estágio mais alto da racionalidade, como quis Hegel. Ou se tornaram simples gangorras de benesses, como no caso dos diversos populismos.

Com mira às vindouras eleições, uma terceira via procura articular-se no Brasil como alternativa à radicalização e intolerância que se instalaram na sociedade brasileira. Contudo, uma genuína terceira via não se fará tão somente com o lançamento de nomes alternativos, mas, sobretudo, com ideias alternativas de gestão política, econômica e social e de uma plataforma de ação que ponha o Brasil no rumo certo, ao ritmo desejável.

Não se construirá terceira via com a soma dos índices de rejeição aos nomes que a esquerda e a direita trazem ao ringue eleitoral, ou que não elabore e desenvolva certas interfaces, de modo a identificar com lucidez os problemas brasileiros e conceber estratégia pertinente de fazer público.

De assim não ser, estar-se-á desperdiçando rara oportunidade de sensibilizar a cidadania para a descoberta de fórmulas que permitam o compromisso e a conciliação. O ponto de partida de um discurso e práxis de terceira via, e de seu bloco histórico, outro não pode ser que o crescimento econômico, mola mestra do desenvolvimento.

Concentração de esforços em um crescimento sustentável, como fonte de recursos para o desenvolvimento, para a maior setorialização e do Estado e do mercado na sociedade. Mas crescimento sustentável é também aquele que evite concentração de renda que possa levar a um capitalismo sem mercado, ou a critérios de dispersão de renda que findem por inibir um crescimento expressivo.

Desde os anos 1980, a taxa média de crescimento do PIB brasileiro situa-se em torno de 2%, o que, descontada do crescimento demográfico, não inferior a 1%, aponta taxa de desenvolvimento econômico menor que 1% ao ano, na linha de Harrod-Domar. Isso sem mencionar as margens de erro e os fakes. São as quatro décadas perdidas, sem arranque para um verdadeiro desenvolvimento.

Mais ainda, o crescimento está fortemente atrelado a fatores externos, como variações no preço das commodities e alguns outros produtos que disfarçam a falta de aparelhamento da economia para o crescimento autopropulsionado. Quando a maré internacional baixa, deixa à mostra esse iceberg, e o clamor aumenta pelas “reformas”, medidas polêmicas que não renderão os resultados de curto prazo esperados por um país onde não existe espaço para o não crescimento.

Trata-se, portanto, de estratégia de crescimento a ser concebida e implementada com rigor merkeliano, protegida de ações desviáticas. A dramaticidade

Deficit global de mão de obra em tecnologia

» ENGELS REGO

Cofundador da Unyleya, uma das maiores ofertantes de pós-graduação EAD do país

O deficit de mão de obra no mercado de tecnologia é um problema mundial. Segundo uma pesquisa realizada pela consultoria Korn Ferry, é estimada uma perda de 8,5 trilhões de dólares na produção global até 2030 por falta de profissionais qualificados. Por seu lado, esse cenário preocupante para o setor cria uma oportunidade para o Brasil, uma vez que o país tem potencial para avançar na exportação de talentos e serviços, auxiliando na mitigação desse problema. Portanto, esse deficit cria um novo espaço para o desenvolvimento de carreiras digitais no Brasil.

Hoje, temos uma taxa de desemprego de 9,3% no país e milhares de jovens com habilidades requeridas pelo mercado, que nem percebem o potencial que têm para trabalhar na área de tecnologia. Há, então, grande oportunidade de atender a dor do setor e conduzir esses potenciais talentos para as carreiras digitais. O Brasil pode e deve se tornar grande exportador de talentos em TI.

Diante desse cenário, investidores e empresas de diversos mercados da Europa veem o país não somente como uma fonte, mas também como um expoente formador de mão de obra capacitada e qualificada para o setor de tecnologia. Nesse sentido, a necessidade de suprir a alta demanda de profissionais tem resultado em olhares atentos e movimentações interessantes de investidores e companhias internacionais, que já têm buscado formar e recrutar profissionais brasileiros, seja para emigração, seja para trabalho remoto para empresas de fora do Brasil.

Os últimos estudos da Brasscom revelaram que, aqui mesmo, no Brasil, até 2024, teremos 70 mil vagas em tecnologia, mas apenas 46 mil profissionais formados na área. Diante desse deficit, que só aumenta o gargalo do setor, companhias de todos os portes, de startups a grandes empresas, têm recorrido a parcerias com instituições de ensino para qualificar esses jovens antes mesmo da graduação.

Dentro desse contexto, a criação de programas estratégicos de formação, atração e retenção de talentos tem se transformado em uma solução para muitas das grandes empresas do segmento. Um ótimo exemplo dessa iniciativa é a proDevs, que conecta instituições públicas e privadas a jovens em formação técnica.

Recentemente, a marca fechou parceria com o programa AMS — inspirado no modelo de sucesso P-Tech, desenvolvido pela IBM no exterior —, fruto de sua cooperação com o Centro Paula Souza, no estado de São Paulo. O objetivo da associação é enriquecer o currículo acadêmico dos cursos técnicos ofertados nas escolas técnicas e faculdades de tecnologias, com experiências profissionalizantes diferenciadas, pautadas em desafios reais e formação complementar focada nas habilidades profissionais mais demandadas atualmente pelo mercado.

Devido à conexão direta com o mercado de trabalho, esse tipo de curso profissionalizante é alternativa ainda mais assertiva para os jovens, já que os estudantes desenvolvem nessas formações as skills que as empresas irão exigir. Além da formação, empresas como a proDevs realizam um trabalho mais amplo, que começa no recrutamento técnico, alocação e orientação de carreira para profissionais de tecnologia. Com isso, a grande vantagem para as empresas está justamente na descoberta e mineração desses talentos com rapidez e assertividade.

Nesse aspecto, temos no Brasil um grande potencial, que já atrai olhares de fora. É preciso ampliar esse conceito para uma escala industrial, que possa resolver o problema do deficit de mão de obra na área de tecnologia em escala nacional e internacional. O segmento tem potencial para crescer, e precisamos ser agentes transformadores do Brasil nessa jornada.